

Rotatividade e relações de gênero e raça na cooperativa de catadores de materiais recicláveis: uma análise histórico-social da Acácia

Milena de Almeida Silva¹; Andressa Prates Paganucci²; Luana Benedicto³; Julia Volpato Moutropoulos⁴; Thássia Renata Aranha da Silva⁵

1 INTRODUÇÃO

O Lixão de Araraquara foi criado entre 1971 a 1973 dentro da Fazenda Pinheirinho, um em situação precária e afastado da parte central da cidade. Devido ao aumento populacional, atraiu pessoas em situações de vulnerabilidade para moradia e/ou para sobrevivência. Em um período de muita luta e marginalização constante daquele grupo de pessoas que dependiam do acesso ao Lixão para sobreviver, surge a Cooperativa Acácia, fundada em 2001 por mulheres que trazem, inicialmente, de maneira mais informal a organização de trabalho dos catadores de recicláveis, e posteriormente, realizam diversas articulações político-sociais para trazer melhores condições de trabalho a este serviço essencial para a manutenção ambiental e urbana da cidade de Araraquara (PAIVA, 2017).

Essa população vivencia a semântica do lixo, ou seja, o conjunto de conotações negativas atribuídas aos resíduos que repercute diretamente nos catadores, categoria profissional reconhecida e oficializada somente em 2002 e é alvo constante deste estigma - interfere no valor da mercadoria apropriada ao reaproveitamento e auxilia a explicar a falta de reconhecimento social do trabalho dos catadores por parte da sociedade (que é a geradora dos resíduos), bem como a dificuldade de articulação deles no mercado de recicláveis. A semântica corrobora com o fato de que, apesar da representação econômica e ambiental do resíduo ter se alterado na sociedade, não houve uma mudança na representação social do trabalho dos catadores, que convivem com o estigma e enfrentam os desafios da modernização dos processos de coleta e da necessidade de valorização social dos resíduos (BARRETO; PAULA, 2009; CARMO; 2009).

Este trabalho aborda os empreendimentos de economia solidária como uma alternativa de trabalho, renda, inclusão e reconhecimento social, com o enfoque de gênero e de raça. Trazendo à luz as problemáticas enfrentadas pela marginalização da mulher catadora e como as relações de

¹Graduanda em Administração Pública pela UNESP, milena.a.silva@unesp.br; ²Graduanda em Administração Pública pela UNESP, e-mail: pratezandressa@unesp.br; ³Graduanda em Administração Pública pela UNESP, e-mail: l.benedicto@unesp.br; ⁴Graduanda em Administração Pública pela UNESP, julia.moutropoulos@unesp.br; ⁵Graduanda em Administração Pública pela UNESP, thassia.renata@unesp.br.

trabalho tem se apresentado exploradoras até mesmo em economias solidárias que visam romper com os princípios do sistema capitalista por meio da autonomia do cooperado.

2 OBJETIVOS

Objetiva-se realizar uma análise acerca da rotatividade no empreendimento solidário voltado à autogestão e discutir como as relações intrínsecas entre o gênero e raça são vistas como fatores essenciais para a compreensão do ambiente de trabalho no qual a Cooperativa Acácia se encontra.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa classifica-se como qualitativa quanto à abordagem do problema; exploratória quanto à natureza; bibliográfica e estudo de caso único quanto aos procedimentos técnicos. Para a realização da revisão bibliográfica narrativa a busca de material ocorreu em 3 etapas: 1) identificação e seleção de material nas bases de dados spell, scielo e google acadêmico; 2) inclusão de materiais como teses, livros e relatórios; 3) identificação e busca de publicações relacionadas à cooperativa Acácia. Após a leitura do material foram realizadas reuniões para discussão e apontamentos relevantes a serem considerados a partir do objetivo da pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A rotatividade na cooperativa de catadores ocasiona a diminuição dos elos de cooperação e de solidariedade entre os membros, o surgimento de conflitos, o desrespeito ou o desconhecimento às regras e a falta de aderência e de participação em processos e decisões. O tempo decorrente da permanência no empreendimento proporciona oportunidades de estreitamento de amizade e confiança e, com a rotatividade, esses elos são prejudicados afetando a autogestão (OLIVEIRA FILHO, 2010). São apontados como fatores que levam à rotatividade das cooperativas: 1) o baixo retorno financeiro (BRAGA; MACIEL, 2018; OLIVEIRA; AZEVEDO; ARAÚJO, 2014); 2) a falta de responsabilidade e compromisso com o empreendimento social (OLIVEIRA; AZEVEDO; ARAÚJO, 2014); 3) a vontade de ingressarem no mercado de trabalho formal (OLIVEIRA FILHO, 2010). Algumas ações podem contribuir para a permanência dos membros no empreendimento, bem com o seu envolvimento ativo e absorção do princípio da autogestão, como a capacitação eficiente em cooperativismo e

mecanismos que gerem aos cooperados direitos semelhantes àqueles encontrados no mercado de trabalho formal, tornando a permanência na cooperativa atraente (OLIVEIRA FILHO, 2010).

A rotatividade impacta no desempenho da organização na perda de conhecimento e a interrupção nos fluxos de trabalho, acrescidos da incorporação dos princípios da economia solidária e da crítica ao sistema capitalista - o modo capitalista de pensar e o trabalho assalariado são referências dominantes que influenciam o modo de ser e de agir destes trabalhadores (OLIVEIRA; AZEVEDO; ARAÚJO, 2014).

Nesse sentido, o fator rotatividade apresenta-se como maior problemática e se alinha justamente à falta de projeção que o cooperado tem ao se inserir em um empreendimento autogestionário, isso significa que nos moldes capitalistas ao qual somos criados não há uma educação social que nos permita existir em um contexto de trabalho que não seja exploratório, e mesmo que dentro da cooperativa haja condições precárias de trabalho é indiscutível que há pontos mais positivos do que negativos dentro dessa possibilidade de trabalho, principalmente quando estudamos o perfil desses cooperados: ensino básico incompleto, população negra, classe baixa e residentes da periferia.

Paiva (2017) e Cherfem (2016) registram que a maioria dos catadores organizados em cooperativas e associações (cerca de 80%) é composta por mulheres. A questão de gênero é, portanto, um ponto chave para entender esse modelo de organização que, apesar das dificuldades, traz avanços significativos e possibilidades de inclusão social a essa população, que vislumbra a transformação de suas vidas por meio do trabalho, união e solidariedade.

A abordagem do gênero explicita o debate de contradições da economia solidária, “que por um lado está relacionada com a precariedade laboral e a divisão sexual do trabalho, relegando a mulher a uma posição de opressão, mas, por outro lado, gera inclusão e ressignificação social para muitas mulheres e suas famílias” (PAIVA, 2017, p. 20). O fato de um grupo de pessoas desempregadas formado essencialmente por mulheres, sobretudo negras, se associarem para gerar renda e, ao mesmo tempo, prestarem um serviço ambiental por meio de cooperativa é um fator que justifica o incentivo a este empreendimento (CHERFEM, 2015).

A cooperativa Acácia possui cerca de 200 cooperadas(os), sendo 70% mulheres e, dentre o total de mulheres, 61% são negras, estando nessa categoria, mulheres pardas e negras. Na Acácia, a questão das mulheres, da maior porcentagem de negras e da representatividade, não são meros detalhes, uma vez que, a partir dessas características, inicia-se o processo de tomada

de consciência de como essa instituição possui potencial para melhor compreensão deste segmento (PAIVA, 2017).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o desenvolvimento deste trabalho foi possível traçar algumas características essenciais para a compreensão da cooperativa de catadores, como a Acácia, entre elas a forma como ela é composta, majoritariamente por mulheres, e o problema que mais enfrenta, a invisibilidade do cooperado perante a comunidade araraquarense.

Inserir o debate da inserção das mulheres nas relações de trabalho envolve discutir e ultrapassar barreiras relacionadas à desigualdade de oportunidade, de remuneração e de reconhecimento profissional nas relações de trabalho. As mulheres são as maiores vítimas do desemprego e da vulnerabilidade social, portanto, a sua atuação em um modelo autogestionário, pautado em participação, convivência e relações sociais contribui para a promoção da cidadania, da inclusão e do reconhecimento social.

A abordagem de gênero na economia solidária ainda não incorporou questões raciais relativas à representatividade e às demandas específicas das mulheres negras. Acrescente-se a esta questão os fatores que levam à rotatividade e a semântica do lixo formando um ciclo vicioso para a gestão do segmento e, também, para reconhecimento do papel ambiental, social e econômico das cooperativas. O recente reconhecimento da categoria como agentes ambientais e sujeitos ecológicos não é suficiente para a transformação de suas condições e para a sua organização coletiva, sendo estas pautas de uma luta constante e incessante dos cooperados pela transformação da sua realidade pessoal, da organizacional e da socioambiental.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao MEC pelo financiamento e recursos dispostos para o desenvolvimento desta atividade. À Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara pelo apoio institucional. E especialmente, à Cooperativa Acácia de Catadores de recicláveis de Araraquara que tem sido não apenas uma fonte de conhecimento ao nosso grupo, mas também nos ensinado sobre o poder da luta e da mobilização popular feminina para o alcance de melhores condições de vida para seus cooperados.

REFERÊNCIAS

BARRETO, R. O.; DE PAULA, A. P. P. Os dilemas da economia solidária: um estudo acerca da dificuldade de inserção dos indivíduos na lógica cooperativista. **Caderno EBAPE. BR**, v.7, n. 2, p. 202-213, 2009.

BRAGA, N. L.; MACIEL, R. H. Desafios e contradições de um projeto solidário. **Interações**, Campo Grande, v. 19, n.3, jul-set, 2018.

CARMO, S. A semântica do lixo e o desenvolvimento socioeconômico dos catadores de recicláveis. **Cadernos EBAPE**, v. 7, n. 4, dez, 2009.

CHERFEM, C. **Consustancialidade de gênero, classe e raça no trabalho coletivo/associativo**. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, 15, 2014.

CHERFEM, C. A coleta seletiva e as contradições para a inclusão de catadoras e catadores de materiais recicláveis. **Mercado de Trabalho**, n. 59, ano 21, out, 2015.

CHERFEM, C. Relações de gênero e raça em uma cooperativa de catadores de resíduos sólidos: desafios de um setor. In.: PEREIRA, C. J.; GOES, F. L. (org.) **Catadores de materiais recicláveis: um encontro nacional**. Rio de Janeiro : Ipea, 2016.

OLIVEIRA FILHO, M. C. M. B. **Cultura solidária e cooperativas populares: rotatividade dos sócios e desafios à autogestão**. Dissertação (Mestrado) - Programa de pós-graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, 2010

OLIVEIRA, M. C.; AZEVEDO, A. M. S.; ARAUJO, G. C. Os sentidos de rotatividade em uma cooperativa de reciclagem. **Desenvolve: revista de gestão da Unilasalle**, Canoas, v.3, n. 1, mar, 2014.

PAIVA, C. C. **As relíquias do lixo: mulheres catadoras e o engenhoso trabalho de cooperar e resistir**. Campinas/SP, 2017. **Tese (Doutorado)** - Universidade Estadual de Campinas, 2017.